

**DO LOCAL AO GLOBAL: JOGO POLÍTICO, PAISAGEM E
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE PARA A
CIDADE – NITERÓI, RJ, BRASIL.**

Márcio Piñon de Oliveira – marpinon@hotmail.com

Satie Mizubuti - satiemizubuti@predialnet.com.br

Professores Doutores do Departamento de Geografia da

Universidade Federal Fluminense

Av. Litorânea, s/nº - Campus da Praia Vermelha – Niterói,

RJ, Brasil. Cep. 24210-340

Demarcando nosso objeto: do local ao global na representação da cidade

NITERÓI é uma cidade localizada às margens orientais da Baía de Guanabara, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com uma população, no ano 2.000, de 459.461 habitantes (IBGE), distribuídos por cinco Regiões de Planejamento e quarenta e oito bairros. Seu território mede 131 km² e apresenta uma grande heterogeneidade interna. A área central da cidade, de ocupação antiga, conserva ainda algumas edificações do início do século XX. A maior parte dessas edificações está degradada e essa área central sempre foi e é fortemente influenciada pela proximidade com a cidade do Rio de Janeiro.

A cidade construiu a sua vida vinculada a elementos do passado que irão influenciar durante longo tempo a identidade desta e da simbologia que a significa. O elemento mais marcante dessa área central, como referência simbólica, é a Estação das Barcas que liga Niterói ao coração da Região Metropolitana, o município do Rio de Janeiro. Junto a essa estação, localiza-se, na praça de igual denominação, a estátua do índio Araribóia, a quem é atribuída a fundação da cidade, em 1573. Nessa estátua, o cacique está representado de braços cruzados, postura ereta, garboso e forte. O detalhe é que, na principal entrada da cidade, a estátua foi construída de frente para a cidade do Rio e de costas para Niterói. Essa estátua, que é um dos monumentos

importantes da cidade, parece simbolizar o grau de dependência com que Niterói foi construída ao longo de sua existência.



Figura 1: Estátua de Araribóia (Coseac/UFF)

O presente trabalho busca analisar as relações tecidas no movimento de construção identitária¹, sob a perspectiva geocultural, sendo que iremos desenvolver a análise através dos signos, seus significados e significantes, que marcam, na paisagem da cidade, a sua história, mantendo viva a sua historicidade, lado a lado dos novos signos do presente que conectam a cidade à escala global e re-significam suas representações.

Do busto de D. Pedro II na Praça de São Domingos, que teria o poder de anunciar mortes, à estátua do cacique Araribóia, que dá as costas à cidade que fundou, ao Museu de Arte Contemporânea, o decantado MAC, de projeção internacional, Niterói é um misto de cidade que associa o novo com o antigo, a planície com as “serras”, o centro com as periferias e favelas, com diferentes culturas, valores, tradições, paisagens e representações.

Para tanto, partimos da hipótese de que Niterói, remontando à sua fundação, foi refém de uma representação dominante² com elementos vinculados à sua origem indígena, herança do período colonial, que posteriormente seria sobreposta a outros, associados à condição de *capital provincial*, a partir de 1835, e *capital republicana*. Essa condição perdurou até 1975, quando da fusão dos antigos Estados da Guanabara e Estado do Rio de Janeiro.

Com a perda do *status* de capital, e a conseqüente mudança desta para o Rio de Janeiro, esmaece paulatinamente a sua importância no cenário político e econômico do Estado, assim como a identidade do niteroiense, vinculada a essa condição, instaurando-se um “vazio” identitário, um limbo que perduraria até meados dos anos 90, quando da inauguração do MAC, considerado uma das pérolas da arquitetura mundial, criação do gênio de Oscar Niemeyer.

¹ O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, como no dizer de Hall (2004), *essencialista*, mas um conceito estratégico e posicional. “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas do poder”. (p. 109)

² Sobre as representações culturais e seus nexos com a questão da identidade, tomamos por referência o trabalho de Stuart Hall (1997), no qual toda identidade contém necessariamente uma representação dominante que confere a primeira uma face figurativa (significado), contida no seu discurso, e outra simbólica (significante), que aparecerá como objeto que identifica os seus próprios sujeitos e valores.

Este fato foi transformado, pelo grupo no poder³, em mote para o *marketing* político, rapidamente absorvido pelos agentes empresariais que acabariam adotando a imagem do MAC (Museu de Arte Contemporânea), inaugurado em 1996, como o novo símbolo “oficial” da cidade. Este novo movimento acabou embalando o *inconsciente coletivo* da população local e re-significando a representação dominante da cidade. De signo de marca indígena e funções complementares à cidade do Rio de Janeiro, Niterói projetar-se-ia internacionalmente nos anos de 1990, por meio da obra de Niemayer. Do local ao global, a cidade seria alçada a uma nova condição, por meio de um *city marketing* bastante comum a muitas outras cidades no mundo, como a nova face do planejamento urbano (SÁNCHEZ 2003).



Figura 2: Museu de Arte Contemporânea – MAC (Magno Mesquita)

³ A Prefeitura de Niterói foi assumida em 1º de Janeiro de 1989 pelo PDT (Partido Democrático Trabalhista), através do prefeito eleito no ano anterior, Jorge Roberto Silveira.

Desde então, Niterói passou a funcionar como importante pólo de atração para determinados investimentos ligados ao capital imobiliário e aos setores cultural e turístico⁴, bem como um atrativo para a população de outros municípios e cidades da Região Metropolitana, sobretudo para segmentos de classe média.

No dizer de Paul Claval (2002, 104), *“a cultura é concebida como o conjunto daquilo que os homens recebem de herança ou do que inventam; (...) ela é feita de tudo aquilo que é transmissível”*. No caso em exame, a silhueta do MAC, ícone maior da cidade desde sua edificação, passou a estampar cabeçalhos de papéis oficiais do governo, bem como placas de casas comerciais, laterais de coletivos, empenas de edifícios, fachadas de hotéis. Neste caso, parece que o processo de divulgação encontrou terreno fértil por parte de quantos desejavam se apropriar do mesmo ícone, representação maior de sua auto-satisfação e auto-afirmação.

Políticas públicas recentes e re-significação da paisagem

O marco histórico da retomada de Niterói em busca de uma nova identidade pode ser localizado, entre outras iniciativas públicas, no programa denominado VIDA NOVA NO MORRO. Concebido no decorrer do ano de 1989⁵, o programa se caracterizava pela realização de um conjunto de obras em comunidades carentes de infraestrutura urbana⁶. Essa iniciativa visava assegurar melhores condições de acesso a inúmeras comunidades estabelecidas em locais acidentados, com elevados graus de declividade, e objetivava, sobretudo, melhorar as condições de moradia e de permanência na moradia e no lugar – favela ou bairro. Ao final, pretendia-se dar

⁴ No campo turístico Niterói teve, na última década, a construção de mais três hotéis: o Niterói Palace, no Centro, o Tower Icaraí, arrojado projeto no final da praia de Icaraí, e o Solar do Amanhecer, na Região Oceânica. No campo cultural, a estratégia foi a da realização de grandes eventos culturais comemorativos da contribuição de diferentes países. No ano de 1998 foram dois desses eventos, em homenagens ao Japão e a Portugal, envolvendo as comunidades migrantes da cidade, hotéis, restaurantes e toda uma programação cultural vasta e intensa, ao longo de um mês inteiro, que contou inclusive com a presença de artistas de renome internacional. No nosso entender, isso foi parte da estratégia de vincular Niterói ao circuito mundial e ao mercado da arte e eventos, colocando-a como uma cidade diretamente conectada à escala global e as novidades do mundo contemporâneo no campo da cultura.

⁵ O governo do PDT na cidade teve início em janeiro de 1989 e durou até março de 2.000, quando o então prefeito Jorge Roberto Silveira (PDT) renunciou ao mandato para disputar a Governadoria do Estado, tendo transferido o governo da cidade para o seu vice-Prefeito Godofredo Pinto (PT) que concluiria a gestão.

⁶ Tais intervenções constituíam-se de calçamento ou pavimentações de vias de acesso, construção de escadarias, posteamento de luz, construção de escadarias, recuperação de fachadas de habitações degradadas, e, facilitação de captação de água, bem como, sistema de descartes de esgoto sanitário.

respostas às reivindicações mais recorrentes dos moradores de tais lugares e, com a mediação do Poder Público, assegurar-se maiores patamares de dignidade humana⁷.

A implementação desse programa produzia, de imediato, uma sensível mudança na paisagem, vista sob a ótica da cultura, expressa pelo desenvolvimento urbano, seja pela atualização do urbanismo pré-existente, seja pela substituição de antigas formas de organização daqueles espaços. Além da mudança na paisagem perceptível pela visão, contando com a iluminação das vias, notava-se nas comunidades onde o programa foi implementado uma profunda mudança no sentimento dos moradores, um novo significado do ato de morar. A casa e o lugar por eles ocupados passavam a ter uma outra significação e representação no seu cotidiano.

Uma casa é um edifício relativamente simples. No entanto, por muitas razões, é um lugar. Proporciona abrigo; a sua hierarquia de espaços corresponde às necessidades sociais; é uma área onde uns se preocupam com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos. (TUAN 1983, 184).

Os mesmos moradores, cujo bem estar era o objeto das intervenções públicas, eram, também, sujeitos dessas ações públicas, já que, a partir da sua organização política e de sua capacidade de petição/exigência, o Poder Público se colocava em movimento. Nesse caso, a idéia de mediação pode ser identificada nesse “encontro” de forças diferentes (quase opostas), entre o Poder constituído, capaz de produzir coisas (fixos), alvo de múltiplas reivindicações, e as demandas sociais (desejos, da subjetividade humana), historicamente represadas, presentes em grande parte do território da cidade. Nesse processo tiveram importante papel as lideranças locais e as associações de moradores, como representantes reconhecidos pela comunidade.

Assim, o espaço urbano modificado, sob intervenção acordada, e as habitações de baixo padrão construtivo re-valorizadas, criavam, na consciência e no sentimento dos moradores, uma nova marca, e ao mesmo tempo, uma nova matriz. Ou talvez,

⁷ O programa do PDT, em seu sub-item 4.6 prevê “(...) Reforma urbana, baseada na planificação de conjunto dos assentamentos humanos que se ajuste a um novo projeto nacional de desenvolvimento que atenda às necessidades do povo. (...) alínea “b”: “Criar condições habitacionais dignas para os trabalhadores”.

uma nova cultura, no sentido de uma nova prática que, necessariamente, re-significa as relações entre o poder público e a comunidade local, deixando suas marcas na paisagem.

A respeito da questão da paisagem, um dos seus pensadores mais importantes, assim se expressou: *A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização, mas também é uma matriz, porque participa de sistemas de percepção, concepção e ação – isto é, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza* (BERQUE ⁸ apud BARBOSA 1996, 44).



Figura 3: Pedra de Itapuca com o MAC e o Pão de Açúcar ao fundo (Magno Mesquita).

Desse modo, é nesse jogo político de relações que pequenas mudanças foram se operando em algumas favelas de Niterói, o que tornaria esse programa um precursor do *Favela Bairro* na cidade do Rio de Janeiro, alguns anos mais tarde.

⁸ BERQUE, A. Paysage-empreinte, paysage-matrice. Eléments de problématique pour une géographie culturelle. *L'Éspace Géographique*. TOMO XIII, Paris, 1983.

De forma semelhante, na área da saúde pública, houve a implementação do PROGRAMA MÉDICO DE FAMÍLIA⁹. Seu alcance sócio-espacial foi, talvez, o de maior alcance populacional entre os implementados ao longo dos governos de 1989-2002 em Niterói, período marcado por uma continuidade administrativa, o que propiciou o amadurecimento de diferentes iniciativas governamentais.

Para a sua viabilização foram construídas inúmeras edificações de porte médio, especialmente para este fim, os quais foram denominados de Módulos do Médico de Família. A arquitetura era simples e os locais foram estrategicamente escolhidos: bairros ou comunidades pobres, sendo boa parte deles na periferia. Tais edificações, via de regra, se destacavam na paisagem pelo tamanho, pela cor (branca), pelo movimento de entra-e-sai, mas, principalmente, pelo sentido ali representado: o da resolução dos problemas de saúde, com agilidade, com personalização do atendimento, e com elevado grau de resolutividade. Os moradores da localidade, usuários deste novo equipamento social, o recebiam com um misto de surpresa e esperança, vislumbrando um futuro-presente melhor para a saúde coletiva.

O PMF (Programa Médico de Família) foi “importado” da experiência cubana e com supervisão prolongada do Ministério da Saúde daquele país. Além disso, o programa revelou-se muito cedo com capacidade efetiva de resolução das necessidades primárias dos moradores. Instituiu-se a metodologia da guia de referência-contrareferência, pela qual o usuário passava a realizar movimentos horizontais e verticais, em busca de procedimentos ampliados e mais complexos, até chegar ao topo da pirâmide, que eram os hospitais com capacidade de internações e protocolos de ultimação do tratamento.

Novamente a paisagem geográfica passou por mudanças, não por transformações de arquiteturas anteriores, mas, pela introdução de novos elementos na paisagem e instalação de funções absolutamente novas, com inserção de moradores da localidade no corpo de trabalhadores dos PMFs. Salvo os médicos, todo o restante das equipes, necessariamente, tinha de ser composto por pessoas moradoras da localidade, a fim de facilitar a mediação e melhor compreensão dos

⁹ O Programa Médico de Família atendia ao item 4.10 do programa partidário que dizia: “Redefinição da política de saúde com base na predominância da medicina preventiva, na participação dos organismos populares na fiscalização, controle e gestão dos sistemas de saúde”.

valores e hábitos prevaletentes no dia-a-dia da comunidade usuária desses serviços de saúde. Pela natureza do modelo, uma parte da jornada de trabalho das equipes tinha de ser integralizada nos domicílios dos moradores. Daí o conceito de “médico de família”. No edifício de apoio – base dos PMFs na localidade – havia um mapa com todas as vias, ruas e logradouros da comunidade, onde cada casa encontrava-se demarcada com os nomes da família, membro por membro, e as respectivas patologias recorrentes. Os médicos eram, por sua vez, contratados pela comunidade, através de sua associação de moradores – podendo ser substituídos – e pagos com recursos repassados pela prefeitura. Desse modo, desde a sua relação de trabalho, a sua inserção na comunidade era total.

As comunidades que passaram por essa experiência tiveram sua auto-estima bastante aumentada, proporcionada por uma ação cidadã mais efetiva. Fortaleceu-se o sentimento de pertencimento ao lugar e, com isso, a identidade dos moradores com o local onde moravam, na medida em que a saúde preventiva, nos moldes em que operava o Médico de Família, fazia parte, desde sempre, do sistema de necessidades das comunidades empobrecidas das favelas e periferias em Niterói, determinadas pelas formas de organização da economia brasileira, em particular, na fase da urbanização acelerada. Essas unidades espaciais urbanas constituíam o rebatimento espacial da formação e consolidação do modo de produção capitalista no Brasil.

A inovação realizada em Niterói, pelo Governo Municipal, que atribuía às Associações de Moradores o poder de “avaliar” o desempenho dos profissionais de saúde atuantes em cada módulo, bem como o poder de realizar o pagamento dos salários do corpo técnico e profissional, reavivou o papel político dessas Associações, dando sobrevida a muitas que já estavam debilitadas. Esse período, novo para o movimento associativo de bairro, não resultou da retomada da mobilização, organização e/ou capacidade política de representação de suas lideranças, mas, em decorrência de uma parceria público-privada, mediada pela dimensão coletiva (a comunidade) e calcada no exercício do poder político-administrativo. Localizava-se, portanto, na esfera da gestão dos serviços públicos, com base na implementação de uma política pública.

Tratava-se da implementação pública de novos serviços urbanos, rapidamente apropriados pela população, cujo poder simbólico se reafirma e, junto com esse poder simbólico, certamente uma ideologia – a da conquista de direitos de cidadania. A multiplicação de tais módulos, por mais de duas dezenas de comunidades, entre 1990 e 2002, alterou, visivelmente, o significado do Poder Local na consciência dos usuários, cuja memória passou por impregnação profunda dessa parceria entre o Estado e a Sociedade Civil. Essa parceria revelava uma nova dimensão simbólica: da condição de usuário ou objeto das ações públicas, os moradores passaram a ser, também, sujeitos da implementação de um programa que, embora não explicitamente reivindicado em seus primórdios, estava historicamente implícito no rol das demandas sociais dos mais pobres e desfavorecidos pela sorte no capitalismo. Em outras palavras, novos valores de uso e apropriações estão sendo experimentados e forjados, não a partir de condicionantes de formas e objetos, mas em decorrência da mudança de relações entre as pessoas em ação e o seu ambiente. Um novo sistema de necessidades se estabelece. No dizer de Cosgrove:

Valores de uso, o sistema de necessidades de uma determinada sociedade são culturalmente determinados (...) Assim, a discussão geográfica da ação humana em transformar o ambiente deve rejeitar todas as formas de determinismo no sentido de explicações utilitárias da atividade social. (COSGROVE 1996, 21)

O papel da cultura no jogo político de construção de uma nova identidade para a cidade

A cultura talvez tenha sido a área na qual foram realizadas as maiores intervenções do Poder Público no período estudado¹⁰, seja pela construção de equipamentos, pelo restauro de monumentalidades em franco processo de degradação

¹⁰ Sobre a cultura o programa partidário, no item 5.4 recomenda “a implantação de um plano (...) de cultura que permita (...) o acesso à ciência, à arte e à literatura. Desenvolvimento de (...) centros culturais, salas de concertos, teatros, cineclubes e outros meios culturais”.

e desuso, seja, acima de tudo, pela introdução de diferentes serviços culturais e artísticos. O melhor exemplo dessas intervenções foram as restaurações das fortalezas e monumentos históricos na cidade¹¹.

Faz-se necessária uma breve menção à conjuntura na qual mergulhava a economia brasileira no contexto das relações internacionais na década de 1990, qual seja, a do avanço acelerado da globalização, impulsionada pelo aprofundamento da revolução técnico-científica.

As áreas centrais de muitas cidades brasileiras, degradadas arquitetonicamente, desprestigiadas socialmente, esvaziadas, começaram a passar por importantes processos de revitalizações.¹² Em Niterói, a área central recebeu, inicialmente, a construção de um pioneiro e grande *Shopping Center*¹³, ao lado do qual antigo casario foi cedendo lugar a novas edificações, como a demolição do Hotel Imperial e a construção da maior agência do Banco HSBC no mesmo trecho de rua. Este padrão de organização do comércio evidencia a conjuntura dos anos 90, marca maior do processo de globalização da economia. Verdadeiros templos de consumo.

Posteriormente, por iniciativa do Poder Público, teve início a restauração do Teatro Municipal João Caetano, localizado defronte ao citado Shopping, que estava fechado há muitos anos. Este restauro produziu efeitos modernizadores em grande parte do seu entorno imediato. Ainda no final dos anos 90, teve início a construção do Caminho Niemeyer¹⁴, um conjunto de construções que deveria cumprir o papel de um grande cartão de visitas para quantos estivessem chegando à cidade, vindos pelo transporte hidroviário atravessando a Baía de Guanabara ou pela Ponte Rio-Niterói.

¹¹ No período tratado fora realizadas a restauração do Teatro Municipal João Caetano, do Solar do Jambeiro, da Igreja de São Lourenço dos Índios entre outros. Além dessas intervenções, em parceria com as Forças Armadas, os Governos Jorge Roberto/João Sampaio promoveram também o restauro da Fortaleza de São Luiz (ou do Pico), aberta, pioneiramente, á visitação pública e que à noite é toda iluminada destacando-se como uma jóia na paisagem da cidade. Na mesma época, articulou-se a visitação à Fortaleza de Santa Cruz e a sua re-funcionalização para realização de atividades sociais em seu interior.

¹² Não perder de vista, por exemplo, o Programa Rio-Cidade que introduziu grandes modificações na área central da cidade do Rio de Janeiro. A esse respeito, ver: TORREZ, Rachel, F. B. – “O Velho E O Novo: Reflexões sobre as novas formas de uso e ocupação da área central do Rio de Janeiro”. UFRJ/IPPUR, 2005. Monografia de especialização. (49p.)

¹³ O Plaza Shopping inaugurado em fins da década de 80, à rua XV de Novembro, até então decadente.

¹⁴ O Caminho Niemeyer deveria conter dois templos religiosos, um teatro popular, o Memorial Roberto Silveira, o Centro de Memória Oscar Niemeyer, um museu Br - de cinema, devendo terminar no MAC – (Museu de Arte Contemporânea), este já em funcionamento.

O processo de globalização das políticas urbanas tem um caráter fragmentário, sua intervenção é pontual e instala processos que mudam os lugares para atender aos interesses das elites globais (EGLER¹⁵, apud TORREZ 2005, 11).

A restauração do Teatro Municipal propiciou a instituição do Corpo de Balé da Cidade, uma iniciativa pioneira de profissionalização no mundo da dança e tem produzido, como resultado visível, a multiplicação de escolas particulares de balé e de dança em Niterói. Ao mesmo tempo, tem sido palco de apresentações de espetáculos de música e de teatro, para artistas das mais variadas cidades do Brasil, bem como tem servido de cena de locação para programas televisivos.

Do ponto de vista das iniciativas governamentais, a maior referência no espaço da cidade é, sem dúvida, o MAC (Museu de Arte Contemporânea), projeto do arquiteto Oscar Niemeyer que colocou a cidade de Niterói no circuito mundial enquanto signo da arquitetura¹⁶. Pela sua silhueta e localização sobre a “falésia” do bairro da Boa Viagem, o MAC aparenta um disco voador pousado sobre um promontório, apoiado sobre apenas um eixo, ou mesmo uma taça ou uma flor de lótus aberta para o céu. Para os moradores da cidade, o MAC passou a ter um significado referencial, um corte entre o passado e o presente, o novo que salta na paisagem, o inusitado, que ninguém pode recusar ou deixar de ver (perceber), na medida que ele se impõem enquanto forma ou distinção espacial.

Construir é uma atividade complexa. Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis; ao nível de tomar decisões pragmáticas; visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; a de comprometer-se inteiramente, de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal. Uma vez alcançada, a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem. (...) O meio ambiente construído,

¹⁵ EGLER, Tamara T. C. Políticas urbanas para o espaço global. In: *Revista de economia, sociedade e território*. México, nº 17. 2005.

¹⁶ O MAC foi inaugurado no ano de 1996, no Governo de João Sampaio também do PDT (1993-96) que assegurou administração de continuidade.

como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade.
(TUAN 1983, 119).

Por outro lado, o poder público fortaleceria o significado imponente dessa nova marca MAC (significante) através do seu discurso de poder (face figurativa) bem como através da adoção do símbolo do museu como logomarca da própria cidade, fazendo com que a silhueta do MAC passasse a compor, como logotipo, documentos oficiais da Prefeitura, placas, *outdoors*, etc. Paralelamente ao impacto da nova construção, objeto, forma arquitetônica ou fixo, como preferirmos, há um discurso diferenciador por parte do poder público, pronunciado e repetido estrategicamente, que vai revestindo de significado o papel do símbolo adotado para a cidade e codificando aquilo que dele se pretende – uma nova referência ou *identidade* para a cidade de Niterói, associada a uma imagem síntese desse significado ou a uma nova representação dominante, passível de identificação na paisagem e em todos os demais objetos nos quais sua marca se faz presente reiteradamente.

Como nos lembra Hall (2004),

... as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, sua identidade(...) As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem à sua ‘margem’, um excesso, algo mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo ‘identidade’ assume como fundamental não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe ‘falta’ – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. (p. 110)

Assim, para Laclau¹⁷ (apud Hall, 2004, p. 110), *a construção de uma identidade social é um ato de poder* e suas “unidades” já construídas, no jogo do poder e da exclusão, daquilo que se deseja reprimir, afastar ou hierarquizar. Entendemos que o processo recente pelo qual passou Niterói, na construção de sua nova identidade, seguiu passos desse caminho. Mais uma vez, o contraponto foi o Rio de Janeiro, esse outro histórico, mas só que agora na construção de uma identidade que conectasse Niterói diretamente ao mundo, em escala global, sem intermediações, referências ou dependência da cidade do Rio de Janeiro. Desse ponto de vista, a obra de Niemeyer caiu como “uma luva nas mãos do poder público”, na medida em que esse arquiteto é a própria encarnação de um autêntico e reconhecido representante da arquitetura contemporânea com projeção internacional. Nesse sentido, não havia um padrinho melhor nessa estratégia de construção de uma nova identidade para a cidade pelo poder público. Desse modo, independência, arrojo, beleza, inovação e sentido de contemporaneidade revestem de significado o MAC como jóia da arquitetura.

Ao mesmo tempo em que este discurso é veiculado por posições-de-sujeitos (Hall 2004, 112) na esfera do poder público e é, aos poucos, compartilhado por muitas pessoas na sociedade em geral, uma nova identidade vai brotando entre “as falas” e as práticas¹⁸, através da qual vai-se assumindo subjetivamente um novo lugar como sujeitos sociais de discursos particulares.

A conclusão da construção do MAC mobilizou muitos interesses e olhares sobre Niterói. Um dos grandes colecionadores do Brasil¹⁹ dotou esse museu de um acervo permanente que permitiria mantê-lo funcionando por muitos anos. Porém, a orientação foi a de abrir espaço para muitos e variados artistas, nacionais e estrangeiros, desde que, adequados à condição de produtores de arte contemporânea.

Todavia, mais do que as obras expostas, ou tanto quanto elas, o que tem chamado a atenção dos visitantes, ao longo deste dez anos de vida do MAC, tem sido o próprio museu enquanto uma monumental obra da arquitetura brasileira de um gênio

¹⁷ LACLAU, E. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. Londres: Verso, 1990.

¹⁸ Para Hall (2004, p. 112) a própria ‘fala’ também é uma prática, a qual ele denomina de *prática discursiva*.

¹⁹ João Satamini, importante colecionador e empresário brasileiro, doou um acervo de mais de seiscentas telas para acervo permanente do MAC.

reconhecido mundialmente: Oscar Niemeyer. Essa escala de representação alcançada por essa obra – esse fixo no dizer de Milton Santos (1996) – tem alimentado um fluxo intenso²⁰ de visitantes que vêm a Niterói, antes de tudo, para visitar e fotografar o prédio.

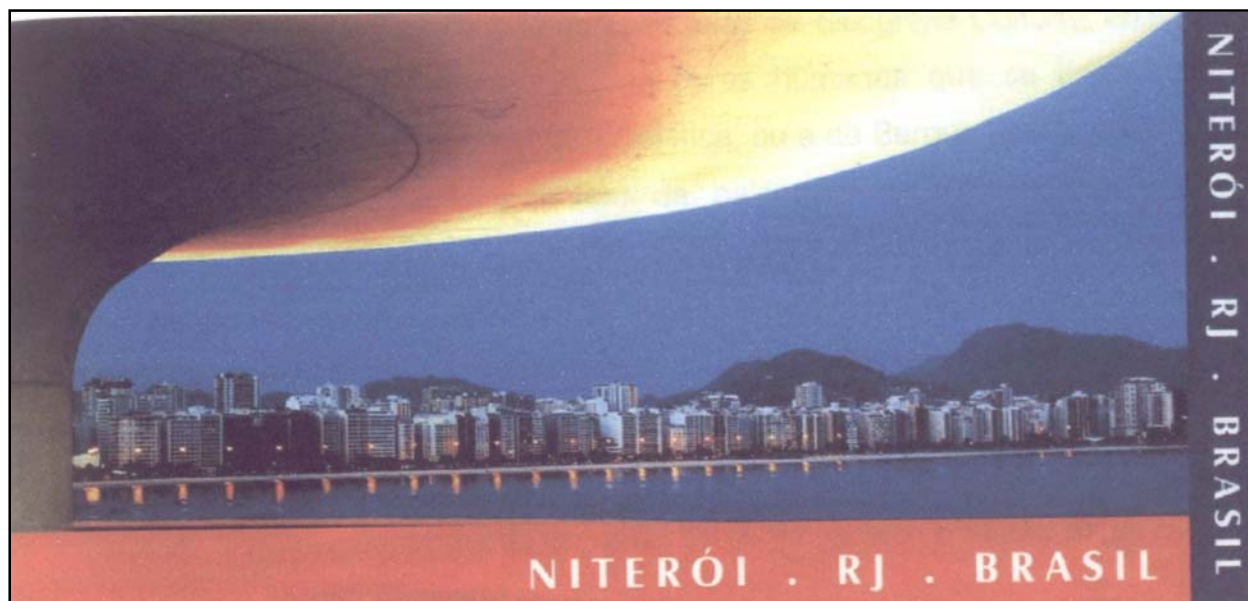


Figura 4: Silhueta do MAC com vista da Praia de Icaraí compõe material de propaganda da cidade.

A despeito de algumas importantes intervenções em alguns bairros da cidade, em particular na área central, percebe-se que as marcas inscritas no território foram apenas pontuais, a exemplo do MAC, mas com um efeito material e simbolicamente extensivo a quase toda a cidade, ou mesmo para além dela, em especial deste último. Contudo, permanecem objetos (fixos) de idade antiga, em grandes extensões do município, disfuncionais, coexistindo, agora, na área central, com edifícios inteligentes ou prédios restaurados e re-funcionalizados. Mudaram os fluxos, pois a demanda da população por lazer, cultura e consumo material, se direciona expressivamente para os Shoppings. As lojas de rua, mais antigas, têm sucumbido à concorrência, à pós ou à hiper-modernidade, causando igualmente uma profunda transformação na paisagem dessa região central.

²⁰ Os fluxos em finais de semana têm variado, em média, de 1.000 a 2.000 pessoas por dia.

No bairro de Icaraí, zona sul da cidade, vem se formando um novo centro de comércio e de serviços, com alguns trechos de ruas transformando-se em novos templos de consumo. Lojas de rua são reformadas, revitalizadas, re-funcionalizadas. Multiplicam-se *shopping centers*, galerias comerciais, agências bancárias, edifícios especializados em serviços, edifícios-garagem, fazendo circular grande parte da renda da cidade.

Notas Conclusivas

O presente texto procurou entender este processo de mudança ocorrido na cidade de Niterói, nos anos que sucederam a chamada “década perdida”. Para tanto, foi necessário o detalhamento de alguns dos processos de implementação de Políticas Públicas, tentando identificar se tais iniciativas estavam mais no voluntarismo do grupo no poder ou no ideário constante do conteúdo programático de um partido político e, o que é mais importante para nós, qual o real significado da implementação dessas Políticas Públicas na transformação da paisagem e na construção de uma nova identidade para a cidade.

Concluimos que os resultados, de um modo geral, valorizaram a vida cotidiana de muitas comunidades, tanto das mais pobres, como nas de classe média. Alteraram, substancialmente os sentimentos de pertencimento a este lugar chamado Niterói, provocaram mudanças significativas em sua paisagem e na sua inserção em redes sociais e culturais. E forjaram, nessa década e meia, uma nova identidade para a cidade, desvinculada, pela primeira vez, de uma representação dependente e complementar à cidade do Rio de Janeiro.

Reflexo, em grande parte, dessa mudança de valores ou re-significação da cidade, alguns bairros como o de Cambinhas, localizado na área de expansão recente (Região Oceânica), teve crescimento médio anual da população superior a 10% ao ano, entre 1991 e 2000²¹. Conclui-se que as melhorias urbanas implementadas na cidade desencadearam um forte poder de atração populacional, muitos dos quais atraídos pelo signo de uma “melhor qualidade de vida” que a nova representação

²¹ Cf. IBGE – Censos Demográficos de 1991 e 2000.

ajudou a cunhar. Cresceram, ao mesmo tempo, bairros de classe média e média alta (condomínios fechados) e, também, favelas.

Muitas das benfeitorias edificadas no espaço da cidade significaram novas referências culturais, potencializaram o poder de representação de elementos inseridos na paisagem urbana, verdadeiros ícones, e elevaram, na opinião de muitos desses sujeitos da construção dessa *nova identidade*, a auto-estima da população. Ampliaram, ainda, de forma contraditória, mas significativa, o espaço de participação dos moradores em geral e de novos sujeitos políticos, em particular aqueles envolvidos mais diretamente com as Políticas Públicas aplicadas ao e no espaço da cidade. Por fim, complexificaram também a vida urbana, a começar pelo sistema de transporte e trânsito, com forte interferência na mobilidade, e geraram novos pontos de centralidades no espaço, a exemplo dos shoppings, ou reforçaram antigas centralidades já constituídas, como do bairro de Icaraí, desenvolvendo, adaptando e modelando-as ao novo tempo.

De um modo geral, pode-se considerar que as intervenções do poder Público no período estiveram sob o signo do programa partidário, suas estratégias de poder e seus discursos e práticas a partir do poder público. Nesse sentido, o MAC se transformou em símbolo maior para o Poder Municipal e expressão paradigmática, para nós, da construção dessa *nova identidade* e representação dominante de cidade.

Bibliografia:

BARBOSA, Jorge Luiz. 1996. Paisagens americanas: imagens e representações do wilderness". In: *Espaço e Cultura*. NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre espaço e Cultura. UERJ – R.J.

BERQUE, Augustin. 1998. Paisagem Marca, Paisagem Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

CAMPOS, Maristela C. 1998. *RISCANDO O SOLO – o primeiro plano de edificação para a Vila Real da Praia Grande*. Niterói Livros. Prefeitura de Niterói.

CARVALHO, M.C.A. 2001. *A Construção de uma Imagem de "Cidade da Qualidade de Vida"*. Niterói: PPGEIO/UFF (Dissertação de Mestrado).

- CLAVAL, Paul. 2002. Campo e Perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- CORRÊA, Roberto L. 2005. Monumentos, Política e Espaço. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L (Orgs.). *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- COSGROVE, Denis E. 1996. Em direção a uma geografia radical: problemas da teoria. In: *Espaço e Cultura*. NEPEC – UERJ (p.5-29).
- _____. 2000. Mundos de Significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto L & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural: um século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- COSTA, Benhur Pinos da. 2005. As relações entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano: Por uma Abordagem Microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L (Orgs.). *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- HALL, Stuart. 1997. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The open University.
- _____. 2004. Quem Precisa da Identidade? In: SILVA, T.T. (Org.) *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- HOLZER, Werther. 1999. Paisagem, Imaginário, Identidade: Alternativas para o Estudo. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- KNAUSS, Paulo (Org). 2003. *SORRISO DA CIDADE – Imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói Livros. Prefeitura de Niterói.
- LEPETIT, Bernard. 2001. *Por uma Nova História Urbana*. São Paulo:Edusp
- MARTINS, Ismênia & KNAUSS, Paulo (Orgs.). 1997. *CIDADE MÚLTIPLA – Temas de história de Niterói*. Niterói Livros. Prefeitura de Niterói.
- NASCIMENTO, V. M. R. 2003. *Paisagem, Simbolismo e Identidade: Os Casos dos Museus de Arte Contemporânea de Niterói e Guggenheim de Bilbao*. Niterói: Dept^o Geografia / UFF (Monografia Graduação).
- PIMENTEL, Luis A. 2004. *Enciclopédia de Niterói*. Niterói Livros. Prefeitura de Niterói.

PREFEITURA DE NITERÓI. Secretaria Municipal de Cultura. 2000. *Patrimônio Cultural*. Niterói: Secretaria Municipal de Cultura.

PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. 1989. *Programa Partidário*. Niterói: Diretório/PDT.

SÁNCHEZ, Fernanda. 2003. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: ARGOS.

SANTOS, Milton. 1996. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

TORREZ, Rachel F. B. 2005. O Velho E O Novo: reflexões sobre as novas formas de uso e ocupação da área central no Rio de Janeiro. Monografia de Especialização – UFRJ-IPPUR.

TUAN, Y-Fu. 1983. *Espaço E Lugar: a perspectiva da experiência*. Difel, São Paulo.

WAGNER, Philip L. & MIKESELL, Marvin W. 2000. Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural: um século (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

WEHRS, Carlos. 2002. *Capítulos da memória niteroiense (2ª ed. Revista e ampliada)*. Niterói Livros. Prefeitura de Niterói.